



Fazendo História no Tempo Presente: o projeto Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul

Claudia Musa Fay¹
Luísa Borgmann de Oliveira²

Resumo: O presente trabalho se insere no projeto “Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul”, uma iniciativa interinstitucional com a finalidade de promover o recolhimento e a difusão de registros produzidos acerca do cotidiano e das experiências humanas durante o período pandêmico da Covid-19. Destarte, o objetivo do trabalho será analisar a experiência desta pesquisa desenvolvida na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, que buscou registrar como os alunos da instituição foram atingidos pela pandemia do Coronavírus. Com o uso da História Oral, foram recolhidas 20 entrevistas em duas fases, realizadas entre 2020 e 2022, abordando questionários com temas variados. Ao pensar o lugar da Covid-19 na História, a pesquisa considerou a magnitude deste evento na sociedade, pois seus impactos não se restringiram ao caráter físico, da saúde, interferindo em fatores econômicos, sociais e políticos, alterando a realidade cotidiana em razão da necessidade de isolamento social. Deste modo, para melhor compreender este fenômeno e seu impacto, foi preciso buscar diferentes pontos de vista, explorando as diversas experiências frente ao vírus. Portanto, os relatos individuais permitem a análise da realidade coletiva por um viés subjetivo, colocando em pauta a dimensão da vivência do agora, e servem para a reflexão do trabalho historiográfico sobre e no Tempo Presente, repensando o papel do historiador na contemporaneidade.

Palavras-chave: História Oral; Experiência pandêmica; Relato de pesquisa.

Fazer História no tempo presente: a experiência pandêmica

O projeto “Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul” se encontra entre a numerosa gama de iniciativas emergentes no Brasil e no mundo para documentar e difundir registros sobre a pandemia do Coronavírus. Demonstrando uma preocupação geral sobre a necessidade de preservar as memórias e fontes sobre este acontecimento, buscou dar visibilidade as problemáticas que surgem em seu entorno. Seus impactos não se restringiram ao caráter físico, da saúde, interferindo em fatores econômicos, sociais e políticos, alterando a realidade cotidiana de diversas sociedades espalhadas pelo

¹Doutora em História pela UFRGS. Professora adjunta do curso de História da PUCRS e professora do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS.

²Mestranda em História no Programa de Pós-Graduação da PUCRS, bolsista CAPES.

mundo em razão da necessidade de isolamento social. Deste modo, assume dimensões públicas e que visam não só o futuro, mas reflexões no tempo presente, sem abdicar da responsabilidade social que não pode ser colocada de lado em um contexto delicado como o da pandemia.

Destarte, o projeto assume grande mérito no registro e divulgação histórico da pandemia, partindo de diversos pontos vista para investigar a pandemia e suas consequências sob a perspectiva da historiografia. Trata-se de uma ação interinstitucional iniciada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), com o objetivo de promover recolhimento e a difusão de registros produzidos acerca do cotidiano e das experiências humanas durante o período pandêmico da Covid-19. Desenvolveu-se como um trabalho em rede, abraçado por outras instituições do estado, dentre elas a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Ademais, contam Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul (MUHM-RS), Casa da Memória Unimed Federação – Rio Grande do Sul, Centro Histórico-Cultural Santa Casa de Porto Alegre, Centro de Referência da História LGBTQI+ do Rio Grande do Sul e do GT História e Saúde – ANPUH/RS. Com o propósito de registrar as diferentes formas pelas quais a pandemia afetou a população do estado, cada um escolheu seu público alvo e temáticas a serem trabalhadas, ampliando os horizontes do registro. Na PUCRS, o objetivo foi registrar por meio dos relatos orais como os alunos da universidade foram afetados.

A metodologia da História Oral foi escolhida como forma de registrar a experiência individual, partindo da subjetividade dos alunos como ponto de vista. O método atua em conformidade com os objetivos do trabalho, exatamente por sua privilegiada capacidade de registrar a memória e a subjetividade. De acordo com Paul Thompson, a História Oral é “aquela que pode penetrar em algo mais profundo para a história. [...] transformando os objetos de estudos em sujeitos” (THOMPSON, 1992, p. 137). Assim, a História Oral assume um papel crucial na reflexão sobre o tempo presente, pois atribui uma dimensão viva à história e reconhece a importância de evidenciar narrativas subjetivas frente a esta experiência, ampliando o campo de estudos da História Social e do Tempo Presente ao interligar passado, presente e futuro.



Documentando a experiência da Covid-19 na PUCRS

Na PUCRS, o projeto foi desenvolvido através do Núcleo de Pesquisas e Estudos em História Oral (NEPHO-PUCRS), coordenado pela professora Claudia Musa Fay. A escolha dos estudantes de graduação como público alvo partiu da realidade vivida pelos professores e alunos da universidade, percebendo as implicações da Covid-19 e da necessidade de isolamento que levaram ao Ensino Remoto Emergencial. Para grande parte dos alunos entrevistados, como para a maioria dos estudantes de graduação em geral, a entrada no ensino superior marca o momento de transição para a vida adulta, sendo as experiências deste momento de extrema relevância para a formação da identidade, laços sociais e vida profissional. Astri Erll (2020), destaca a importância da questão geracional em relação a memória construída acerca da pandemia do Coronavírus. Além dos processos de cima para baixo, como aquilo que o Estado investirá em preservar, existem processos de baixo para cima na construção de memórias coletivas, como é o caso da lembrança geracional. Assim, a pandemia pode ser vista como uma experiência definidora de geração, sobretudo na vida dos jovens e adolescentes, e será conectada a outros elementos que marcam o momento. Deste modo, as experiências vividas durante o período podem ser relacionadas às circunstâncias em que se inserem: sob quais aspectos políticos, o número de vítimas, questões sociais e financeiras.

O projeto foi idealizado e executado por meios digitais, devido às necessidades impostas pelo período. Deste modo, os padrões do procedimento da História Oral foram adaptados ao ambiente virtual. As entrevistas foram realizadas através da plataforma *Zoom* e todo o contato e contato foi mediado por redes sociais, como *Whatsapp* e *Instagram*, assim como as entrevistas e as autorizações. Apesar dos aspectos negativos que acompanham as entrevistas à distância, pela dificuldade em captar os aspectos expressivos da oralidade e as dependência de conexões e plataformas que podem falhar de forma imprevisível, o lado positivo se destaca. A realização das entrevistas a distância durante a pandemia, no momento em que se está vivendo o isolamento, se relaciona à dinâmica do período em que foi registrado e que se quer registrar, integradas ao cenário do tempo presente do panorama pandêmico e da necessidade do isolamento social.

A respeito da metodologia, a pandemia oportunizou o debate sobre o entrevistas à distância pela História Oral. Santiago e Magalhães (2020), ainda no período inicial do



isolamento, abordaram a adaptação emergencial da História Oral para o meio digital diante a impossibilidade da presencialidade, colocando em pauta perguntas e exemplos da utilização das ferramentas digitais. Neste contexto, considerando a situação de pesquisa, as entrevistas realizadas para o Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul demonstraram saldo positivo. Apesar de não conseguir captar os aspectos da corporalidade e expressividade da oralidade da mesma forma que no presencial, o registro ainda durante a pandemia, enquanto se vive o isolamento, não deve ser ignorado. Integrando-se ao cenário presente, as entrevistas corresponderam à dinâmica do período, oportunizando maior dialogicidade entre entrevistadoras e entrevistados. As primeiras entrevistas foram realizadas entre o final de 2020 e o começo de 2021, quando os alunos já tinham a experiência de dois semestres de aulas através de ferramentas digitais, adaptados ao ambiente remoto. Além disso, outro fator que também se destaca no texto de Santhiago e Magalhães (2020), é a questão geracional, pensando na maior familiaridade com os meios digitais entre as gerações nascidas a partir dos anos 1990, o que é o caso de quase todos os entrevistados, com exceção de um aluno nascido em 1985.

Ainda sobre o meio digital, se faz necessário evidenciar o papel das redes sociais para encontrar os entrevistados. Um cenário bastante comum para historiadores orais mesmo antes da pandemia, o momento inicial foi de grande dificuldade para encontrar pessoas que se disponibilizassem em participar das entrevistas. Num primeiro momento, a ideia era focar nos alunos de graduação, divulgando a pesquisa através dos grupos de *Whatsapp*. Entretanto, o interesse foi quase inexistente. Neste momento, o *Instagram* foi fundamental para furar essa bolha, possibilitando encontrar outros alunos no perfil oficial da universidade (@puocs). A partir disso, foi possível acessar alunos de outros cursos, ampliando também as versões e experiências alcançadas na pesquisa. No total, foram realizadas 20 entrevistas em duas fases, uma primeira realizada entre 2020 e 2021, e outra ainda em andamento, entre 2022 e 2023. Dentre os entrevistados, constam 09 pessoas do gênero feminino, 04 do masculino e 01 identificada como não-binária, abrangendo uma faixa etária entre 19 e 36 anos. Com alunos dos cursos de História, Serviço Social, Direito, Psicologia, Jornalismo, Administração, Medicina, Engenharia Civil, de todos os semestres da graduação. Desta forma, a pesquisa registrou perspectivas tanto de pessoas que vivenciaram anos no campus da universidade, mantendo contato direto com os professores e colegas, como aqueles que entraram direto no modelo remoto. Foram pessoas de diferentes condições econômicas e sociais, moradores de

diversos e distantes bairros de Porto Alegre, mas também de outras cidades, com estudantes que retornaram para casa de seus familiares no momento da pandemia por questões econômicas, mentais ou de saúde.

Na primeira fase, realizada entre 2020 e 2021, o foco foi registrar a experiência discente em relação ao isolamento social e ao ensino remoto, buscando compreender, sobretudo, a adaptação a nova realidade. Na segunda fase, parte dos entrevistados da primeira retornaram para uma segunda entrevista, desta vez destacando as mudanças relacionadas ao retorno das aulas presenciais, que na PUC retornaram no primeiro semestre letivo de 2022, e o resultado da vacinação. Apesar de estabelecer temáticas centrais nas duas etapas, o projeto buscou lançar mão de um acevo útil a outros estudos sobre a pandemia do coronavírus, contruindo roteiros que também abordaram temas como trabalho, hábitos, aspectos econômicos, saúde mental, relações interpessois e fatores sócio-políticos.

As mudanças ocasionadas pela necessidade de isolamento social impactaram consideravelmente a rotina dos estudantes. A disrupção da vida cotidiana resultou em uma experiência pandêmica marcada pela incerteza e pelo medo, com alterações significativas em diversos setores da sociedade. Na primeira fase de pesquisa, muitos estudantes relataram as dificuldades vividas, especialmente em relação o longo tempo pelo qual o isolamento seestendeu. As experiências foram mediadas pelas diferentes circunstâncias em que cada um vivenciou o período, fatores econômicos, sociais, políticos, psicológicos e de saúde física. Através dos relatos dos alunos de graduação, essas questões foram trazidas a tona.

O Ensino Remoto Emergencial foi adotado pela universidade a partir do decreto da Portaria Normativa MEC n.º 343, de 17 de março de 2020, que determinou a possibilidade da substituição das aulas presenciais por meios digitais durante a situação emergencial da pandemia do Novo Coronavírus. Através da plataforma *Moodle*, já utilizada anteriormente, e do *Zoom*, ferramenta que possibilitou encontros síncronos e a gravação das aulas, a PUCRS retornou de forma onlinerapidamente após suspender as atividades presenciais. Contudo, apesar da agilidade em garantir a continuidade do semestre, o ERE resultou em muitas dificuldades, tanto para os alunosquanto para os professores. Inicialmente, a maioria dos alunos tiveram complicações na adaptação ao novo modelo de aula e de organizar uma rotina para a nova realidade. O processo de ensino-aprendizado também foi impactado, pois o ambiente da sala de aula e o contato direto com os professores e colegas são de grande



importância para o desenvolvimento de processos de aprendizagem mais efetivos e significativos aos estudantes. Esse é o caso de Lorenzo, aluno do curso de história:

Meu primeiro semestre, que foi 2020/1, foi totalmente um desastre. [...] Então o primeiro semestre para mim foi bem ruim porque eu não via as aulas, eu dormia, eu não lia os textos, foi bem ruim mas minhas notas foram boas. Mas em relação aos textos eu não lia de forma alguma, eu só assisti as aulas, as gravações, e aí eu via. Mas eu sinto que por mais que eu tire notas boas, elas foram meio vazias porque as provas eram com consultas e tu pode puxar um conceito, alguma explicação, não é tu realmente aprender aquilo. Então as minhas notas dos dois semestres foram bem boas, mas eu não me senti realmente como se eu soubesse o conteúdo, como se eu tivesse essa compreensão e nesse sentido ficou bem ruim. (Silveira, 2020).

O curso e suas necessidades também influenciam e demonstram individualidades, como a necessidade da prática para os alunos de medicina e as excessivas horas de tela para os alunos de história, sobrecarregados com a grande quantidade de textos. Dificuldades em separar lazer e estudo e trabalho, doméstico e profissional, entender o tempo do isolamento foi difícil para a grande maioria dos alunos. A questão espacial também aparece com um dos problemas, como é o caso de Mariana, aluna do serviço social:

Para mim alterou completamente, porque a estrutura física da faculdade é mil vezes melhor e também não tem todos os problemas de internet caindo, não tem problema de família fazendo barulho, atrapalhar com outros barulhos, sabe. Concentração no estudo é muito difícil, que é tudo envolvendo a internet, passar muito tempo focando só na internet e também tá com celular, computador ligado, aparece notificação de outras redes sociais, então não dá para focar 100%, como é na aula, né. E também a questão da interatividade com os colegas, acho muito mais difícil e acho que cria uma distância, até com os professores, enfim. (Neto, 2021).

Por sua vez, outros aspectos são identificados entre os relatos, como questões de saúde mental e relações interpessoais. Incerteza, medo, luto, ansiedade são alguns dos sentimentos que marcam a experiência pandêmica. A soma da falta de informações à rápida disseminação contribuiu para um imaginário pandêmico que se espalhou quase tão rápido quanto o vírus. São criadas novas normas e representações sociais, reorganizando as relações sociais e a rotina dos indivíduos. Os sentimentos são experienciados de maneira individual, mas tem causas e impactos em maiores níveis, configurando experiências coletivas. O longo tempo



pelo qual a imposição do distanciamento se estendeu, o grande número de mortes e incertezas frente o vírus que permanecem até hoje, apesar de certo controle alcançado através da vacinação em massa, acarretaram em altos níveis de estresse e ansiedade. Assim, a saúde mental sofreu grande impacto, sendo também uma questão de saúde pública que acrescentada à crise da Covid-19. Os efeitos da pandemia na saúde mental podem ser analisados, qualitativamente, através dos relatos proferidos pelos alunos da PUCRS. O cenário aumenta problemas psicológicos, como ansiedade, estresse e depressão em pessoas saudáveis e intensifica sintomas dos diagnósticos já existentes:

Mas com certeza, assim, eu nunca tinha tido crise de ansiedade e nesse ano eu tive, na pandemia. Era um sentimento que eu não conhecia, não sabia identificar o que era, e aí eu falei com a minha psicóloga, falei com a minha mãe, com as pessoas, todo mundo falou “Bruna, é uma crise de ansiedade”. É algo que eu não conhecia antes, então eu percebo que a pandemia mexe muito com nosso psicológico, porque eu me tornei uma pessoa mais ansiosa, mas ao mesmo tempo eu fui buscando alternativas, é claro, para controlar a ansiedade. Mas eu percebo que eu fico muito mais rápido triste do que eu ficava antes, as coisas me afetam muito mais do que antes, a pandemia me deixou muito mais sensível, eu sinto que tudo é mais intenso, todos os sentimentos são mais intensos, mais fortes e não era assim há um ano atrás. Então essa mudança veio com a pandemia e eu sinto em todas as pessoas, não só em mim, né, todas as pessoas que eu convivo, todos tiveram alguma alteração psicológica nesse momento de pandemia (Raffainer, 2021).

Apesar de estar conectada pela internet, mantendo contatos através de redes sociais e do telefone, o isolamento social teve grande impacto. A experiência psicológica também é marcada no corpo, transcrita em transtornos de alimentação, desregulação do sono, alterações na saúde física, como é apontado pelo estudante Vinícius Rosa (2020):

[...] em mim o impacto foi muito forte porque eu tenho excesso de ansiedade e eu tive muita ansiedade durante a pandemia. Eu comecei a ficar muito “loucão”, comecei a comer demais, comecei a ficar muito depressivo, tive que várias vezes falar no telefone com meu psicólogo, então o impacto psicológico em mim foi muito forte durante a pandemia. A pandemia afeta muito a sociedade psicologicamente porque as pessoas ficam muito encarceradas em casa, então começa a ficar com a cabeça meio bagunçada, então é meio difícil (Rosa, 2020).

A partir da análise dos depoimentos registrados na pesquisa, identifica-se a percepção sobre relação entre "eu" e "outro" como determinante para as medidas tomadas pelos alunos



da universidade em relação a pandemia de covid-19. Também marcados pelos sentimentos condicionamentos da pandemia, como o medo e incerteza, refletem na consciência da necessidade de um cuidado coletivo entre os discentes. Assim, a noção de coletividade é perpassada pela noção de indivíduo: o cuidado do pessoal, com a adoção de hábitos de higiene e distanciamento social, passa a ser visto também como uma forma de cuidar do próximo. Por outro lado, o medo pelos que deixaram os cuidados de lado e negaram a pandemia também são evidenciados. A resposta de Vinicius, um dos alunos entrevistados, demonstra isso em seu depoimento:

[...] Cuidado consigo, que automaticamente é cuidado com o outro, porque, automaticamente, quem não tem cuidado consigo também tá em falta com cuidado do outro, por andar sem máscara. Então o cuidado é uma palavra bem significativa nessa pandemia, se cuidar e cuidar de si, cuidar do outro, a preocupação com outro. E outra palavra é paciência, porque só nos resta ter cuidado para esperar e paciência para esperar [...] Essa dicotomia dos que se cuidam e dos que não se cuidam, acaba que os que estão se cuidando acabam ficando um pouco mais inseguros por ter os que não se cuidam, né. Então a gente vai no mercado, às vezes, a gente passa por umas pessoas sem máscara e quando ando na rua tem muitas pessoas que negam a pandemia, isso acaba deixando as pessoas que estão se cuidando, que tem certo medo da pandemia, com um pouco mais de medo. Ao invés da gente estar todos trabalhando juntos, só a metade tá trabalhando para melhorar as coisas e a outra metade está pouco ligando. Então essa questão da rua é um medo por que outras pessoas não se cuidam (Niemxeski, 2021).

Entretanto, aspectos positivos também são identificados. Entre as adversidades ligadas ao isolamento, a perda de familiares e a sequelas do vírus, são percebidos elementos de adaptação, resiliência e empatia. O tempo antes gasto no deslocamento e outras necessidades do presencial, pode ser usado para lazer, autocuidado e tempo de qualidade com a família. A flexibilidade do remoto permitiu a realização de atividades, como estágios e trabalhos, que antes eram impossibilitados pelos horários das aulas. Assim, a experiência pandêmica, estendida por meses, transita entre pontos baixos e altos, se apresentando como um momento paradoxal. Sem ignorar a dor, medo e o luto que este momento carrega, para alguns, esse tempo foi ressignificado:

Mas no fim deu tudo certo, eu acho que tudo foi se adaptando e foi dando certo, a gente vai aprendendo a lidar com as novas tecnologias, novas maneiras de ensino. Sinto que eu tenho mais tempo livre em casa, com o tempo que eu perdia fazendo outras coisas, como no transporte e tudo mais, eu consigo ler, consigo estar com meu cachorro. Ele tá com quase 16 anos,



foi um ano bem difícil, mas, ao mesmo tempo, foi muito bom estar em casa com ele. Então seria hipócrita dizer que a pandemia foi boa, mas acho que tem aspectos que foram positivos, não dá para dizer que foram bons, maravilhosos, mas esse convívio com a minha mãe, com meu cachorro, de estar em casa, tipo poder terminar a aula, terminar o trabalho e poder ficar 30 minutos no sol ou sentada na rede. Eu sinto que eu tive mais qualidade de vida se eu pensar no tempo que eu passava em casa e passo agora, mas ao mesmo tempo a minha qualidade de vida diminuiu, aumentou nesse sentido, mas diminuiu porque eu me tornei uma pessoa mais ansiosa. É difícil lidar com tudo que tá acontecendo, eu sinto que isso também mexeu muito, assim, de modo geral, é isso. (RAFFAINER, 2021)

Por fim, é possível identificar traços comuns nos relatos analisados. Entretanto, os detalhes da subjetividade, de como percebem o momento e em quais condições enfrentam o período -econômicas, sociais, políticas e mentais-, caracterizam individualidades e diferenciações. Conforme Lilia Schwarcz (2020), historiadora e antropóloga, as diferenças sociais determinam diferentes experiências diante do fenômeno pandêmico: “Nem todos estão passando por isso da mesma maneira. Há grandes diferenças, a depender da raça, classe, gênero” (SCHWARCZ, 2020, p. 3). No Brasil, particularmente, esses são aspectos que não podem ser ignorados no registro da experiência histórica do tempo presente. Assim, apesar de aspectos coletivos, as individualidades deste momento histórico também devem ser consideradas.

Considerações Finais

Salvaguardar as diferentes memórias e registrar as diversas experiências e aprendizados deste momento se torna uma responsabilidade social da historiografia, afirmando um compromisso com a memória dos milhões de mortos pela covid-19. Portanto, o projeto Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul, assim como outras variadas iniciativas como esta, que tiveram o objetivo de registrar este acontecimento histórico, possuem grande mérito ao revelar aspectos subjetivos, que escapam a análises em escalas maiores. Ao buscar a experiência das pessoas comuns, nos detalhes do cotidiano, o projeto coloca em debate a dimensão da vivência do agora e da pluralidade de sujeitos históricos, contribuindo para a reflexão do trabalho historiográfico sobre e no tempo presente, repensando o papel do historiador na contemporaneidade.



Entrevistas utilizadas

RAFFAINER, Bruna Fumagalli: entrevista concedida a Luísa Borgmann de Oliveira. Porto Alegre, 14 abr. 2021.

SILVEIRA, Lorenzo Quintana: entrevista concedida a Luísa Borgmann de Oliveira. Porto Alegre, 18 dez. 2020.

NETO, Mariana Cintra Accampora: entrevista concedida a Luísa Borgmann de Oliveira. Porto Alegre, 15 abr. 2021.

ROSA, Vinicius Silva Abrão: entrevista concedida a Luísa Borgmann de Oliveira. Porto Alegre, 17 dez. 2020.

NIEMXESKI, Vinicius Fantin: entrevista concedida a Luísa Borgmann de Oliveira. Porto Alegre, 20 abr. 2021.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria Normativa n. 343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus – COVID-19. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-%20de-2020-248564376>>. Acesso em: 02 dezembro 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria Normativa n. 544, de 16 de junho de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus – Covid-19, e revoga as Portarias MEC n. 343, de 17 de março de 2020, n. 345, de 19 de março de 2020, e n. 473, de 12 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/legislacao/portaria-no-544-de-16-de-junho-de-2020/>/. Acesso em: 02 dezembro. 2022

ERLL, Astrid. Will COVID-19 become part of collective memory? **Rittgerodt, R.** (ed.), v. 13, p. 45-50, 2020.

LE GOFF, Jacques; BOM, Laurinda; FREIRE, Alberto. **As doenças têm história**. 1985.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990. (Trad. Eduardo Brandão)

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. **As pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada**. 2005.

RODEGHERO, Carla Simone; WEIMER, Rodrigo de Azevedo. PODE A HISTÓRIA ORAL AJUDAR A ADIAR O FIM DO MUNDO? COVID-19: TEMPO, TESTEMUNHO E HISTÓRIA. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), v. 34, p. 472-491, 2021

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. Anos 90: **Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, Porto Alegre, v. 27, e2020011, p. 1-18, 2020



SCHWARCZ, Lilia Moritz, STARLING, Heloisa Murgel. **A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras; 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Quando acaba o século XX**. Companhia das Letras, 2020.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992. THOMPSON, Paul. *História oral e contemporaneidade*. *História oral*, v. 5, (2002). 2009